



## **A IMAGEM DO ÍNDIO EM RELAÇÃO AO HOMEM BRANCO NO BRASIL: de que maneira os índios são retratados nas produções audiovisuais pelos que se dizem civilizados?<sup>1</sup>**

**Giovanna Ignacio Quarterone<sup>2</sup>**

**Faculdade Cásper Líbero**

### **Resumo**

O artigo trata basicamente de um assunto pouco discutido entre os brasileiros: os indígenas e sua representação. Voltado especialmente para a questão territorial, o artigo aborda três produções audiovisuais brasileiras de temática indígena: “*Terra dos Índios*” de Zelito Viana, “*Vale dos Esquecidos*” de Maria Raduan e “*Xingu*” de Cao Hamburger. Estas, ao serem comparadas, trazem discussões e reflexões sobre este povo que habita as terras brasileiras desde antes mesmo da descoberta e colonização. Buscando quebrar o senso comum que existe em relação aos índios, e trazer informações que passam despercebidas propositalmente ou não, este artigo tem a intenção de valorizar e exaltar a cultura indígena que não tem o seu devido reconhecimento entre os demais brasileiros.

**Palavras-chave:** indígenas; terras; cultura; audiovisual;

### **1. Introdução**

Este trabalho trata dos indígenas brasileiros, povo que está na origem e na base da formação do Brasil no que ele é hoje. Apesar de serem um presente elemento na história do país, os povos indígenas não têm o reconhecimento que merecem, não são foco de grandes discussões, ou até mesmo de assuntos em conversas informais. Não se

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho COMUNICON GRADUAÇÃO, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

Habilitação e disciplina: Graduação em Rádio, TV e Internet – Iniciação Científica

<sup>2</sup> Estudante de Rádio, TV e Internet na Faculdade Cásper Líbero e pesquisadora de Iniciação Científica do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, orientada pelo Professor Doutor Antonio Roberto Chiachiri Filho.

E-mail: giovanna.quarterone@gmail.com



procura saber muito sobre quem são e como vivem. Suas necessidades são muitas vezes ignoradas por todos, incluindo autoridades do governo. Assim sendo, o que fica também a desejar é sua representação, ou seja, a aparição do índio na mídia. São poucas as notícias que aparecem em jornais ou na televisão. Sobre as produções audiovisuais, da qual este trabalho trata especificamente, também são encontradas em pouca quantidade, porém em maioria do que nos demais meios. Por isto foram escolhidas três produções consideradas de qualidade em relação à conteúdo e veracidade dos fatos, sendo: “*Terra dos Índios*” de Zelito Viana, “*Vale dos Esquecidos*” de Maria Raduan e “*Xingu*” de Cao Hamburger.

Considerando então de grande importância que assuntos referentes aos índios ganhem maior destaque, este trabalho surge de um interesse extremo pelo modo de vida dos indígenas que deveria ser respeitado e admirado, assim assumindo um ponto de vista que favorece e compreende inteiramente este incrível povo.

O objetivo deste é trazer a atenção para um assunto pouco falado, mas que não deixa de ter sua importância. É necessário reconhecer os índios como parte da sociedade brasileira, e não simplesmente marginalizá-los por viverem diferentemente do resto da sociedade.

Para poder então haver um entendimento mais fácil do assunto, o trabalho se volta para a uma questão que dá margem para discussões e reflexões que vão além do senso comum que existe na maioria dos brasileiros: a questão territorial. A partir da análise de três materiais audiovisuais, sendo estes meios fáceis de se transmitir e se compreender sobre qualquer tipo de assunto, a temática indígena será discutida e refletida.

## 2. Desenvolvimento

Mesmo sendo um assunto do interesse de poucos, encontram-se ainda produções muito boas sobre os indígenas. Para este trabalho, a metodologia usada foi o embasamento em dois livros e uma pesquisa, e a análise de três materiais audiovisuais, sendo estes três filmes: dois em forma de documentário e um na forma de



ficção baseada em fatos reais. Os três filmes se relacionam entre si, sendo os dois documentários de extrema semelhança, um antigo e um atual, respectivamente de 1979 e 2012.

O primeiro, *“Terra dos Índios”*, de Zelito Viana, foi filmado em diversas partes do Brasil, e traz o depoimento de líderes indígenas contando suas histórias de opressão, na luta pelo direito de se manterem em suas terras. São mostradas cenas cotidianas dos índios, intercaladas com depoimentos indignados de líderes indígenas sobre a situação de miséria em que são deixados. É mostrado também o ponto de vista dos posseiros que tomam e ocupam as terras indígenas. Darcy Ribeiro, pesquisador e antropólogo também é parte integrante e importante deste filme, contribuindo com sua fala defensora aos direitos indígenas. O documentário apresenta uma questão que continua atual, pois a luta dos índios e desavenças com diversos grupos para se manterem em seus territórios sempre foi intensa e desigual.

Esta questão continua de fato atual, pois em 2012, em *“Vale dos Esquecidos”*, Maria Raduan mostra os confrontos com os índios por parte dos fazendeiros, posseiros e grileiros que queriam se tornar donos das terras que na verdade pertenciam aos indígenas. Ou seja, trazendo o mesmo problema apresentado também em *“Terra dos Índios”* e abordando quase que da mesma forma, com depoimentos dos envolvidos nos confrontos, este documentário mostra que mesmo depois de muitos anos, os indígenas, não importa de qual grupo sejam, sofrem com os ataques às suas terras, que acabam por afetar toda a estrutura interna de sobrevivência do grupo na aldeia.

A ficção baseada em fatos reais de Cao Hamburger, *“Xingu”*, conta a história dos irmãos Villas Bôas: Claudio, Orlando e Leonardo, que foram os principais idealizadores do Parque Indígena do Xingu, no Mato Grosso. O filme mostra o primeiro contato dos três irmãos com os indígenas, que os leva a procurar novas tribos por todo o Brasil para se integrarem. A afinidade com os índios se torna tanta, que os Villas Bôas lutam e defendem os grupos com os quais criam contato. No final, toda esta integração e convivência resulta na idealização do Parque Indígena do Xingu, uma enorme área



no Mato Grosso dedicada exclusivamente aos índios, onde eles podiam livremente habitar com suas aldeias e exercer seu tradicional modo de vida.

Além da pouca quantidade de informações sobre os indígenas que pode ser encontrada nas mídias, está em falta também maiores estudos demográficos sobre este povo, onde seja aprofundada a pesquisa demográfica para se registrar com precisão os dados populacionais dos índios, mesmo que estes sejam considerados como uma minoria étnica.

Na verdade, existem muitas etnias diferentes espalhadas por todo o território brasileiro. Grande parte destas etnias não são muito comentadas e nem muito conhecidas. Em alguns casos, podem ser consideradas como minorias étnicas, assim como ocorre com os índios. Muitas vezes não se conhece e não se entende por completo as características únicas e diferentes e também os valores de cada etnia em particular. Isto causa um estranhamento destas etnias entre si, e também dos que são externos a elas. Como consequência, acaba ocorrendo então a generalização do preconceito contra os indígenas.

Antes mesmo de o Brasil ser descoberto e colonizado, todo o território brasileiro era habitado pelos índios. O homem branco foi então cada vez mais tomando conta do território e utilizando-o para seu interesse próprio, inclusive para fins econômicos, fazendo com que as áreas destinadas aos indígenas se tornassem ínfimas. Mesmo depois de todo o crescimento do Brasil, que deixou os índios com uma pequena parcela do que era seu, ainda existem de fato grupos que desejam se apossar desta pequena parcela.

Como já mencionado acima, os índios são muitas vezes marginalizados da sociedade por conta de levarem um modo de vida muito diferente do que a maioria dos brasileiros estão habituados. Por isto eles acabam se tornando estranhos, tratados por alguns como animais. Tanto é o descaso com os povos indígenas, que pouco se sabe sobre sua demografia. Tudo isto faz parte de um grande senso comum que precisa ser quebrado. Um povo que habita o país há mais tempo do que os brancos não deve ser esquecido e deixado à mercê desta forma. Os índios têm uma forte característica de união, uma identidade própria. Mesmo depois de muitas gerações, que quase sempre



sofreram preconceitos e repressões, eles ainda têm uma identidade própria de originalidade e naturalidade das comunidades, que guardam um modo de vida historicamente carregado desde antes da chegada dos brancos.

É possível identificar nos três filmes que as grandes brigas e lutas, sejam estas armadas ou não, acerca dos problemas indígenas tem, na maioria das vezes, motivação territorial, ou seja: as terras são pertencentes aos índios e os homens brancos querem tirá-las deles. A terra é sagrada para os índios. É onde eles plantam e colhem para a sua sobrevivência, realizam seus rituais e constroem suas ocas. É onde vivem em comunidade, harmonia e união. E é esta terra, que representa e constrói a história dos indígenas, que os homens brancos querem tirar por interesses econômicos e de exploração do potencial da natureza, procurando produzir nela produtos que serão posteriormente comercializados. É a partir disto que se acarretam todos os outros problemas vividos pelos índios, como possíveis crises de identidade cultural com perda de seus valores típicos e a preocupação com as gerações seguintes. Esta preocupação com as gerações seguintes se dá por conta justamente da crença de que para a cultivação de seus costumes é necessário que estejam dentro de suas terras, e também da injustiça, calúnia, pobreza e fome vivida por alguns indígenas, que perdem grande parte de suas terras para os brancos, como mostrado em "*Terra dos Índios*". Estas terras se localizam em sua maioria na região do Mato Grosso e apesar de serem legalmente pertencentes aos índios, muitas vezes são invadidas pelos brancos, sejam posseiros ou fazendeiros, que desejam se apoderar delas, causando então as lutas, muitas vezes violentas. E é neste momento que o governo deveria entrar em ação e intervir na tomada destas terras, porém é mostrado nitidamente nos documentários que também há o descaso do governo com os indígenas.

Muitas vezes, na tentativa de tentar conciliar e atender a todos os interesses, o governo desfavorece os índios, nos fazendo criar a hipótese de que seja por conta de estes serem minoria perto dos homens brancos, cedendo as concessões de terras e diminuindo cada vez mais o território legal indígena. Tamanha injustiça causa também revolta nos índios, que por terem sido reprimidos primeiramente, se sentem no direito



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

de atacar de volta com violência também, dito por um próprio índio em “*Vale dos Esquecidos*”. Porém, até mesmo neste momento prevalece neles a característica de união: todos lutam juntos pela causa, por sua terra, por seus direitos. Uma de suas maiores conquistas até o momento foi o Parque Indígena do Xingu, que assim como mostrado na ficção “*Xingu*” baseada em fatos reais, é uma área que se localiza na região nordeste do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira onde habitam diversos grupos indígenas. Foi criado na época da presidência de Jânio Quadros, assinado inclusive por ele mesmo, e idealizado pelos irmãos Villas Bôas. É uma área reservada totalmente aos indígenas, onde estes podem exercer suas atividades livremente, levando seu modo de vida originalmente transmitido de geração em geração.

Em relação à estudos feitos com os índios, “a temática indígena nunca chegou a se constituir em questão de interesse específico da comunidade de demógrafos no país” (AZEVEDO, PAGLIARO, SANTOS 2005, p. 13). Ou seja, entre os desinteressados no assunto também estão os demógrafos, e por isto mesmo o acesso às informações demográficas dos indígenas é difícil por estas serem poucas, pois “para a quase totalidade das comunidades indígenas, com raríssimas exceções, não há séries históricas documentadas de nascimentos, óbitos e eventos de migração” (AZEVEDO, PAGLIARO, SANTOS 2005, p. 13). Ainda assim, é considerável o número de especialistas que se interessam em estudar e analisar os índios, mesmo sendo obrigados a partirem de pouca base demográfica. No primeiro capítulo de “*Demografia dos povos indígenas no Brasil*”, Heloísa Pagliaro, Marta Maria Azevedo e Ricardo Ventura Santos apresentam um breve levantamento da literatura sobre demografia dos povos indígenas no Brasil, onde diversos especialistas e pesquisadores se empenham em descobrir informações sobre a vida dos indígenas, usando várias linhas teóricas e metodológicas.

Entre estes, me interessa ressaltar um deles, o antropólogo Darcy Ribeiro, que também participou do projeto do Parque Indígena do Xingu, citado acima. No documentário “*Terra dos Índios*” ele tem grande participação com trechos de seu discurso na XXXª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência



– SBPC, São Paulo, julho de 1978, onde diz que “nós não índios é que somos o problema”. Acerca desta afirmação, dita pelo especialista que estudou com profundidade os indígenas, pode se dizer que de fato, nós, brancos, somos mesmo um problema para os índios. Isto dito com propriedade, pois em seus próprios estudos (no caso, anteriores ao documentário, por volta dos anos 50), Ribeiro mostra que houveram grandes reduções da população indígena por conta de epidemias de doenças, adquiridas no contato com o branco, pois os costumes e a área onde vivem os índios são muito diferentes da demais sociedade, e o organismo do índio não está adaptado a ter contato com o tal vírus da epidemia, levando então à morte. A morte causa alterações nas práticas realizadas pelos indígenas como por exemplo a matriarcal: se os homens morrem, não há como as mulheres se reproduzirem, assim como o contrário. Desta forma, muitos povos chegaram a ser eliminados antes mesmo que pudéssemos conhecê-los. Os mais resistentes perpetuaram suas gerações até as que conhecemos hoje. Manuela Carneiro da Cunha também explica:

É importante enfatizar que a falta de imunidade, devido ao seu isolamento, da população aborígene não basta para explicar a mortandade, mesmo quando ela foi de origem patogênica. Outros fatores, tanto ecológicos quanto sociais, tais como a altitude, o clima, a densidade de população e o relativo isolamento, pesaram decisivamente (CUNHA 2012, p. 14).

Ribeiro conclui seu estudo com a constatação de que continuará havendo uma redução progressiva da população indígena conforme estes forem deixando de serem isolados para se integrarem ao resto da sociedade. Apesar desta redução, ainda haverá “a possibilidade de alguma recuperação populacional, asseguradas condições adequadas e uma vez integrados” (AZEVEDO, PAGLIARO, SANTOS 2005, p. 18). Ou seja, os estudos também mostram que ainda assim é possível que haja a recuperação da redução populacional, dependendo da dinâmica interna do grupo indígena.

Por intermédio dos vários casos analisados, o antropólogo também enfatizou que características internas próprias às diversas sociedades tinham o potencial de influenciar a trajetória demográfica no período subsequente à crise populacional. Em linhas gerais, seu argumento é que há uma íntima associação



entre características socioculturais e comportamento demográfico (AZEVEDO, PAGLIARO, SANTOS 2005, p. 17).

Por conta de os estudos terem sido feitos em diferentes grupos indígenas por diferentes especialistas, é difícil criar uma síntese da demografia dos povos indígenas brasileiros.

Estamos nos referindo aos estudos que, privilegiando análises pautadas em um conhecimento detalhado da história e etnologia dos povos investigados, tratam das repercussões sobre o comportamento demográfico resultante das múltiplas formas de interação com a sociedade nacional envolvente, sejam eles sobre as dinâmicas de mortalidade, fecundidade, migração ou nupcialidade, sejam eles sobre outros aspectos. Ressalte-se que surge na safra mais recente de estudos uma clara sinalização de que as análises do comportamento demográfico dos povos indígenas precisam necessariamente levar em conta a organização social que, como bem demonstrado, é amplamente diversificada. Este tipo de estudo, conhecido por demografia antropológica, antropodemografia, etnodemografia, entre outras denominações que recebe, vem buscando estabelecer a complexa relação entre modelos culturais e padrões demográficos (AZEVEDO, PAGLIARO, SANTOS 2005, p. 23).

Cada estudo e análise de grupos indígenas mostra características únicas de cada um. É preciso lembrar, porém, que “em suma, o que é hoje o Brasil indígena são fragmentos de um tecido social cuja trama, muito mais complexa e abrangente, cobria provavelmente o território como um todo” (CUNHA 2012, p. 13). Ou seja, o que temos de povos indígenas hoje, não são exatamente os mesmos em sua formação no Brasil pré-colonial. Houve luta e resistência para se manterem os costumes e a cultura indígena mesmo com toda a pressão e invasão dos brancos que queriam tomar as terras e transformar os costumes dos índios. Assim, os valores e o modo de vida indígena foram basicamente mantidos, permanecendo a mesma forma de tradição, porém a organização dos grupos em relação à língua, povos e territórios foi se modificando com o tempo, na medida em que estes se relacionavam com o ambiente e surgiam as necessidades e reconhecimentos específicos de cada um.





Então, como já citado acima, os brancos são o problema dos indígenas, e isto desde a época colonial. Os interesses nas terras e nos próprios índios são antigos:

Em todas as ocasiões, o pomo da discórdia sempre foi o controle do trabalho indígena nos aldeamentos, e as disputas centravam-se tanto na legislação como nos postos-chave cobiçados: a direção das aldeias e a autoridade para repartir os índios para o trabalho fora dos aldeamentos (CUNHA 2012, p. 20).

Sempre desrespeitando a vontade dos indígenas, os brancos foram mostrando seu poder dominante de forma cada vez mais abusiva e ameaçadora para os frágeis e inocentes índios, começando pelo interesse em sua mão de obra, que se transformou mais tarde em interesse pelo território. Enquanto alguns eram escravizados, outros eram realocados, ou seja, tirados do lugar que lhes pertencia para morar e levados para outros lugares, para a construção de estradas, por exemplo. É nítido, portanto que os interesses dos brancos sempre prevaleceram aos interesses dos indígenas, que são considerados por muitos como uma minoria étnica. Toda esta exploração em cima dos índios levou à grande eliminação de muitos, eliminação esta que foi tanto física quanto étnica, assim fazendo também com que fossem eliminados como sujeitos históricos importantes na formação de um Brasil de povos diversificados.

Há, porém, a necessidade de se admitir que mesmo com toda a imagem fragilizada com que os índios são comumente vistos e interpretados pelos brancos, quando vistos de dentro de seus grupos, esta imagem não é assim. Para eles, os agentes de sua história são eles mesmos, pois estão sempre lutando por seu espaço e seus direitos de manter sua cultura viva. Para nós, brancos, esta é uma percepção que nem sempre prevalece na representação do índio, mas que se repensada, se torna real. Se houve a sobrevivência da etnia e de seus costumes, mesmo que profundamente ou superficialmente modificados, é porque houve ação interna dos índios. Se eles fossem realmente tão frágeis assim, não teriam resistido e sido dizimados, e os estudos provam o contrário. Os estudos já citados acima mostram que mesmo com a ocorrência da depopulação, os indígenas têm uma capacidade interna de se recuperar da perda de alguns integrantes do grupo, atrelada à práticas e acontecimentos dentro do próprio.



COMUNICON 2015

congresso internacional  
comunicação e consumo

5º ENCONTRO DE GTS  
1º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO  
2º ENCONTRO BINACIONAL

PPGCOM ESPM // SÃO PAULO // COMUNICON 2015 (5 a 7 de outubro 2015)

Que os índios sofrem repressão dos brancos quando estes tentam tomar-lhes suas terras já foi bem ressaltado aqui. Esse processo de repressão envolve violência, muitas vezes com lutas armadas que podem chegar a levar alguns indígenas à morte. Em casos de este confronto ocorrer com posseiros ou fazendeiros, por exemplo, é porque há interesse de ambas as partes, seja de posseiros e/ou fazendeiros e dos indígenas em permanecerem e ocuparem aquelas terras. Porém, com todo o processo de urbanização, até mesmo os índios foram abrangidos neste, obviamente que por conta do interesse em suas terras. Segundo o projeto “*A Cidade como Local de Afirmação dos Direitos Indígenas*”, da Comissão Pró-Índio de São Paulo em parceria com o Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos, com o apoio financeiro da OXFAM e da União Europeia, no caso do processo de expansão urbana, ou seja, da cidade que continua crescendo e se expandindo para todos os lados, o interesse nas terras indígenas é de transformá-las em áreas urbanas, fazendo-os então migrarem forçadamente ou voluntariamente para as cidades. No caso de as migrações serem forçadas, ocorre o mesmo movimento de luta e conflito dos fazendeiros, desrespeitando os direitos dos indígenas de permanecerem em suas terras, ou até mesmo deixando-os viverem em situações precárias (pois assim desistiriam e cederiam as terras). Já no caso de uma migração voluntária,

em muitas situações, a vinda para as cidades coloca-se como o caminho para enfrentar a insegurança e as carências vivenciadas na terra de origem. Nesse sentido, é importante salientar que na proposição de políticas públicas para os índios na zona urbana é preciso olhar para as duas “pontas”: a cidade e a terra de origem. As ações visando melhorar as condições de vida dos índios na cidade devem se somar e não substituir aquelas destinadas a garantir todas as condições para a sua reprodução física e cultural, segundo seus usos, costumes e tradições, nas terras de origem. Sem isso, a migração será compulsória e violadora de direitos e não fruto de livre escolha (ANDRADE, BELLINGER, PENTEADO 2013, p. 9).

Porém, mesmo os índios que aceitaram viver na cidade, ainda tem suas necessidades e exigências que precisam ser atendidas pelo governo, e que muitas vezes,



não são. Justamente por virem de uma cultura diferente, que não está adaptada ao modo de vida dos brancos, eles precisam de mais atenção, e é esta atenção que não está sendo devidamente concedida. Ou seja, mesmo estando em suas terras levando seu modo de vida tradicional, ou sendo submetidos à viverem na terra dos brancos, os índios carecem de atenção e reconhecimento. O projeto “*A Cidade como Local de Afirmação dos Direitos Indígenas*” tem como objetivo da pesquisa

identificar políticas, iniciativas, legislação e jurisprudência voltadas aos índios que vivem em cidades para construir um panorama sobre as alternativas que estão sendo construídas pelo Poder Público para atender as reivindicações e assegurar os direitos dessa população (ANDRADE, BELLINGER, PENTEADO 2013, p. 10).

Novamente voltando a questão do reconhecimento: não se trata apenas de se reconhecer as necessidades e condições dos indígenas, mas também seus costumes, práticas, tradições e rituais, que estão enraizados na cultura brasileira e fizeram parte do crescimento e estruturação do Brasil como este é hoje, fortemente miscigenado e único.

### 3. Conclusão

A partir da análise dos materiais que tratam da temática indígena, foi possível identificar então que a posição dos índios em relação aos homens brancos no Brasil é, na maioria das vezes, de inferioridade. A imagem transmitida nas produções audiovisuais só confirma os dados obtidos nos estudos e pesquisas: o índio está sempre em desvantagem do homem branco. São raras e de pouca quantidade as produções que tratam da temática indígena, seja através da ficção ou da documentação de fatos reais. O comum é a temática dos que se dizem civilizados, os homens brancos da cidade. A maioria das histórias que vemos serem representadas são sobre brancos, se passando no ambiente dos brancos. A função da comunicação que as produções audiovisuais devem estabelecer com os espectadores é a de conscientizadora e formadora de opiniões que não carreguem elementos que distorçam a realidade do tem que está sendo tratado. Ou



seja, ao ter contato com alguma produção audiovisual que fale de algum tema específico, inconscientemente você está absorvendo todas as informações e guardando-as em algum lugar de seu cérebro e de sua consciência para uma futura tomada de posição sobre o assunto. Porém, quando não se existem produções que tratem deste tema, está havendo, portanto, uma falha nesta função da comunicação, que está deixando de lado uma temática que deveria ser mostrada com mais frequência, justamente por ser um tema que fica à margem do foco das constantes discussões e atenções da sociedade.

Assim como existe esta deficiência na forma em que é transmitida a imagem dos índios, seus direitos, condições e costumes são sempre diminuídos e tratados como estranhos, apenas pelo fato de serem diferentes. Este estranhamento causa a marginalização deles em relação ao resto da sociedade, acontecendo até mesmo quando já estão vivendo em cidades como atualmente, por conta da grande expansão da urbanização.

Este fato se dá, acredito que pelo senso comum de associação do “diferente” ao “estranho”. Os costumes indígenas são de fato exóticos em relação aos costumes dos brancos, dos quais é necessário que haja compreensão para uma convivência harmônica dos dois povos lado a lado, sempre respeitando limites.

Portanto, no Brasil, que é um país rico em diversidades, deveria ser valorizada e mais reconhecida a cultura indígena, pois esta faz parte da história brasileira antes mesmo da colonização. A terra em que habitamos hoje pertencia totalmente aos índios, e foi invadida pelos brancos, que rapidamente tomaram-na e moldaram-na na forma que lhes trouxesse mais benefícios, sem pensar nas consequências étnicas e crises de identidade cultural que isto causaria ao povo que aqui já habitava. Desde então a tendência do branco é tomar o espaço do indígena para si, julgando este ser o correto, e levar a cultura deles ao descaso. Identifica-se então um processo histórico, algo que vem sendo trazido de geração em geração, que já tomou forma e parece ser muito difícil de se reverter. Aliás, seria impossível tentar reverter o processo de expansão dos



brancos: eles são de fato a maioria, e os índios, que um dia em seu passado foram maioria, hoje fazem parte da minoria.

Se é impossível então reverter o processo de urbanização dos brancos, seria ao menos sensato que houvesse reconhecimento e respeito à cultura indígena, uma vez que o processo de tomada do poder do branco só foi possível pela repressão que levou os índios a cederem seu espaço e passarem por todo o sofrimento. Este reconhecimento pode e deve partir da sociedade em si, mas principalmente do governo, que deve tomar medidas para garantir vida digna aos indígenas, que se assemelhe às medidas possuídas pelos brancos: boas condições das terras para os que vivem em aldeias (como por exemplo para plantio de sobrevivência), medidas e políticas de segurança para evitar a violência com os que vivem nas aldeias e principalmente nas cidades, representação imagética com maior espaço, e principalmente maior frequência e aprofundamento dos estudos demográficos, para que hajam sempre registros sobre este incrível povo que vem resistindo à todas as repressões por anos, sempre unidos e se orgulhando de demonstrarem e perpetuarem sua cultura e seu modo de vida únicos, que se todos os brancos reconhecessem e se espelhassem, talvez os problemas destes que se dizem civilizados diminuíssem quase que totalmente.

## Referências

COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. CENTRO GASPAR GARCIA DE DIREITOS HUMANOS. **A Cidade como Local de Afirmação dos Direitos Indígenas**. São Paulo, 2013.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Índios no Brasil: história, direitos e cidadania**. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

HAMBURGER, Cao. **Xingu**. 2012, filme.

PAGLIARO, Heloísa. AZEVEDO, Marta Maria. SANTOS, Ricardo Ventura. orgs. **Demografia dos povos indígenas no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.

RADUAN, Maria. **Vale dos Esquecidos**. 2012, documentário.

VIANA, Zelito. **Terra dos Índios**. 1979, documentário.